

A voz da periferia através de Sérgio Vaz

Lara Barreto Corrêa⁵

Juliana Gervason Defilippo⁶

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo interpretar e analisar alguns poemas do escritor paulista Sérgio Vaz, buscando compreender de que maneira se evidencia a representatividade da periferia brasileira através das diversas vozes presentes em seu corpus poético selecionado. Para além do caráter artístico, de deleite e fruição, presente no texto literário - e, sobretudo no poético - esta pesquisa intenta compreender a poesia como arma de denúncia, de crítica e de expressão diante de uma sociedade cujas vozes dos estabelecidos ainda se sobrepõem e contagiam as vozes dos outsiders. Nobeit Elias e John L. Scotson serão as principais referências a respeito de questões sociológicas para discutir conceitos sobre estabelecidos e outsiders

Palavras-chave: Sérgio Vaz. Literatura brasileira contemporânea. Marginalidade. Periferia. Poesia.

Abstract: This research aims at interpreting and analyzing some of the poems of the writer from São Paulo city Sérgio Vaz, thus trying to understand how the Brazilian periphery representativeness is emphasized through different voices present in the author's selected poetic corpus. Besides the artistic character of delight and enjoyment present in the literary text - and above all, in the poetic aspect -, this research objective is to understand poetry as an instrument of accusation, criticism and expression before a society whose voices of the established ones still take over and affect the voices of the outsiders. Nobeit Elias and John L. Scotson will be the main references to discuss sociological questions and concepts about the established ones and the outsiders.

Keywords: Sérgio Vaz. Contemporary Brazilian Literature. Marginalization. Periphery. Poetry.

⁵ Mestranda em Letras no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

⁶ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professora titular do Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Mineiro da cidade de Ladainha, Sérgio Vaz nasceu em 1964 e mudou-se para São Paulo aos cinco anos de idade. Atualmente reside em Taboão da Serra, onde exerce ativamente seu papel de poeta e agitador cultural, tendo sido o fundador da Cooperativa Cultural da Periferia, a Cooperifa – com o Sarau da Cooperifa que valoriza e estimula a produção poética destacando-se como um coletivo de vanguarda na produção cultural periférica de São Paulo. Em 2016, completando 15 anos de atuação da Cooperifa, os organizadores e integrantes da cooperativa, apresentaram ao público a Mostra Cultural da Cooperifa, um evento de oito dias de duração que contou com a participação de nomes representativos do cinema, da música e da literatura na produção cultural da periferia.

Em paralelo, Vaz se destaca no cenário cultural paulista por promover festividades no campo literário, como a Semana de Arte Moderna da Periferia, realizado em 2007 – e claramente inspirado na Semana de Arte Moderna de 1922. Chuva de Livros, Poesia no ar, Ajoelhaço, são outros eventos criados e comandados pelo poeta. Em 2009, Sérgio Vaz foi escolhido pela Revista Época como um dos 100 brasileiros mais influentes do ano. Em 2012, a Imperatriz do Samba, homenageou o escritor com seu enredo “Sérgio Vaz, o poeta da periferia”, no carnaval paulista.

Neste contexto, a poesia de Sérgio Vaz pode ser considerada pertencente à marginalidade, a qual, segundo os escritores Alexandre Faria, João Camillo Penna e Paulo Roberto Tonani do Patrício, o real se faz presente e o “testemunho produz uma crise no paradigma realista das análises literárias, ao solicitar uma verdade da experiência perspectivada e não referencial” (FARIA; PENNA. PATRÍCIO. 2015, p.19-20).

Outro aspecto relevante destaca-se na percepção da pesquisadora Beatriz Resende (2008) em relação ao comportamento destes novos atores que recusam mediadores tradicionais, buscando inclusive novas editoras, nas quais possam participar mais efetivamente. O escritor Sérgio Vaz tem até o presente momento, sete obras publicadas, sendo cinco delas

autônomas. A obra **Colecionador de Pedras** é a primeira publicada pela Global Editora e abre a coleção Literatura periférica, tendo sido lançada inicialmente de forma independente e resumindo os vinte anos de poesia de Sérgio Vaz, portanto tem poucas poesias inéditas (VAZ, 2008). Segundo a mesma pesquisadora, os escritores jovens da contemporaneidade não aguardam a consagração por parte da academia ou, até mesmo por parte do mercado. Suas publicações tornam-se independentes e divulgadas via outros caminhos que não os já legitimados no mercado editorial, usando inclusive espaços que até recentemente estavam afastados do universo literário, aproveitando as possibilidades oferecidas pela internet (via *websites*, blogues, páginas no *Facebook* e outras mídias). Este comportamento é observado na atuação literária de Sérgio Vaz, uma vez que apesar das diversas publicações em livro, o mesmo faz uso das redes sociais para diariamente realizar novas publicações e os seus leitores terem acesso imediato⁷.

É nesta contemporaneidade que se apresenta Sérgio Vaz, afirmando a sua percepção da força dos artistas da comunidade para que aconteça o fortalecimento da cidadania da periferia e, com isso, as transformações necessárias na mesma (VAZ, 2008, p. 62). O escritor Sérgio Vaz assume este papel ator/protagonista de sua comunidade, através da Cooperifa⁸ e, principalmente, da sua obra.

A literatura brasileira tem se mostrado, ao longo dos anos, como um espaço possível para que as vozes da minoria encontrem suporte. Seja a voz do gênero feminino, seja a afrodescendente, ou ainda a indígena. Prosa e poesia colaboram para que os silenciados de uma sociedade estabelecida possam enfim falar.

O presente artigo debruçar-se-á em alguns poemas do

⁷ Facebook: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/?fref=ts>

Twitter: <https://twitter.com/FrasesSergioVaz>

⁸ Cooperifa é movimento literário, conduzido por Sérgio Vaz, que “tem como filosofia o incentivo à leitura e a criação poética, e sempre foi um projeto de cidadania através da literatura” (VAZ, 2008, p.166).

poeta brasileiro Sérgio Vaz, com o intuito de apontar algumas das vozes marginalizadas estão presentes, buscando compreender sua literatura enquanto arma política, poética e social. A relevância deste estudo encontra-se na necessidade de identificar essas vozes e defini-las dentro e fora da poesia, compreendendo a importância e urgência destes discursos para o mapeamento de uma realidade social brasileira até então retratada por pessoas não pertencentes a este lugar. Mesmo o discurso de gênero, dentro da questão feminina, conforme apontam estudiosas e pesquisadoras do tema, foi o primeiro evidenciado na voz masculina. Segundo o pesquisador e sociólogo Nobert Elias os estabelecidos tendem a rotular os *outsiders* com um “valor humano inferior” (2000, p. 24) como forma de manter sua superioridade social. Conforme Elias:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (...) a luta entre os estabelecidos e os *outsiders* deixa de ser, por parte destes últimos, uma simples luta para aplacar a fome, para obter os meios de subsistência física, e se transforma numa luta para satisfazer outras aspirações humanas (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 24 e 33).

As afirmações de Elias apontam para a importância e a relevância deste estudo, uma vez que partimos dos textos literários de um *outsider* assumido, conforme se coloca Sérgio Vaz, para compreender quais as vozes presentes em alguns de seus poemas.

O eu lírico em sua poesia fala da periferia de dentro da periferia, portanto, é válido perceber como é o olhar dentro e como também a periferia se coloca socialmente. Ou seja, perceber como a voz oriunda deste espaço, na poesia do autor, constrói-se diante do discurso dos estabelecidos. Deve-se levar em consideração

ainda o difícil local conquistado pela periferia brasileira, por isso, pode-se afirmar que é importante reconhecer as vozes, além do próprio escritor, presentes em sua obra.

Segundo a professora e crítica Thereza Domingues a partir do século XX é perceptível um avanço em relação ao comprometimento dos escritores com o social. A afirmação de Domingues permite-nos olhar a produção poética de Sérgio Vaz, uma vez que seus poemas apresentam forte denúncia social. A estudiosa ainda afirma que tanto na poesia quanto na prosa, presencia-se uma tonalidade crítica mais audaciosa, afirmação pertinente quando analisamos o poema **PAZ (ETA MUNDO ESTRANHO)**, do livro **Colecionador de Pedras** de Sérgio Vaz:

ETA mundo estranho
Tanta IRA, tanto ódio
Quando o que a MOSSAD
Mesmo quer é dançar
HEZBOLLAH.

Cd, OLP
Deixe a música tocar.
Neste ONU
Vamos celebrar a vida
Pois temos a FARC e o queijo
Na mão, basta acreditar.
Não importa o LADEN
Que você está
AL-QAEDA tarde vamos nos
Abraçar.
Solidão aos belicosos!
Quem USA e abusa
Não merece CIA.
Vamos vigiar a paz,
Noite e dia,

Para que não haja mais a guerra,
HAMAS!⁹

(VAZ, 2013, p. 34)

Ao analisar este poema somos reportados para o texto **Poesia e Máquina: Sob o Signo de Mallarmé** de Fernando Fiorese ao pensar na poesia oriunda do trânsito entre as cenas finisseculares da modernidade e do contemporâneo:

Pensar a poesia no trânsito entre as cenas finisseculares da modernidade e do contemporâneo enseja, antes de tudo, a desconstrução dos discursos teóricos e das práticas líricas ora fundados no apelo apocalíptico do verbo acossado pelas potências da *imagerie* desenfreada, ora seduzidos pela profusão de trucagens e efeitos especiais que mudam a palavra em mera e transitiva atração midiática, em curiosidade verbivocovisual (FIORESE, 2010, p. 50).

A voz do eu-lírico neste poema não critica apenas a realidade social brasileira, uma vez que os termos em caixa alta, como pode ser observado, fazem referência a questões específicas do Oriente Médio, principalmente. Portanto, já se pode verificar que as críticas presentes na obra do poeta não estão voltadas apenas para a realidade brasileira. Os versos constroem e promovem a crítica social não só pelas palavras e sentidos expressos, como também, dão destaque a outras palavras, colocando-as em caixa alta, e criando um jogo vocabular com as sonoridades das mesmas, visto que são expressões, siglas e gírias que pertencem à contemporaneidade. O que sustenta a afirmação de Fiorese a respeito dos aspectos verbivocovisuais presentes neste tipo de produção. O interessante é perceber a sonoridade das palavras em destaque para a construção de sentido do texto.

Neste poema o eu lírico apresenta um convite para que a guerra seja dizimada, trazendo à tona o potencial humano para

⁹ Os poemas serão reproduzidos respeitando a formatação utilizada na edição do livro aqui referenciada.

que a paz se faça presente, alertando ainda sobre a importância de ir além do acreditar, pois é preciso uma ação.

No texto **Sobre a escrita de si e seus vínculos com a dimensão política: algumas questões (ainda) dispersas**, a autora Elisabeth Muylaert Duque Estrada destaca a importância de onde se fala para legitimar as narrativas autobiográficas marginais às formas canônicas. Apropriando da afirmativa da autora, é possível inferir que o posicionamento de Sérgio Vaz em escrever sobre periferia é aceito por ele pertencer a este espaço.

Entretanto não se pode deixar de questionar tanto essa legitimidade quanto esta representatividade, já que em seus poemas há outras vozes como se pode ver nos versos de **Cinzas**, presente no livro **Colecionador de Pedras**:

No incêndio na favela
Dirce perdeu tudo que tinha,
Mas o que ela não tinha
é o que mais faz falta pra ela...
(VAZ, 2013, p. 135)

Uma das temáticas exploradas no poema refere-se às privações experienciadas num ambiente periférico, o que provavelmente proporciona acidentes como este incêndio vivenciado por Dirce, também uma representação da mulher à margem da sociedade. No texto **Mulheres da periferia: feminismo e transgressão em Guerreira de Alessandro Buzo**, os pesquisadores Sandra Maria Pereira do Sacramento e Luciano Santos Neiva abordam a respeito desta identidade feminina suburbana:

Assim sendo, a identidade feminina suburbana, através da transgressão, se coloca como negadora de qualquer pretensão ao uso de uma racionalidade que não reflita suas existências periféricas. Assim, as personagens femininas se colocam como sujeitos periféricos que buscam a construção de uma identificação a partir de referenciais próprios, porque internos. Há, com isso, a inserção de vozes silenciadas em processo de construção da sua

própria historicidade. A representação feminina, sob essa ótica, resgata o universo cultural e altera o acontecer ficcional alicerçado na ideologia vivenciada (SACRAMENTO & NEIVA, 2011, p.87).

Portanto, é possível perceber o paradoxo das perdas explorado pelo eu lírico, uma vez que embora a mulher tenha perdido tudo no incêndio, a perda maior se faz das ausências – subentendidas dentro da questão social, uma vez que a palavra “favela” (VAZ, 2013, p. 135) identifica o espaço de fala e permite ao leitor preencher aí também o que não é falado. Para os autores oriundos da periferia, como Sérgio Vaz, ou ainda Ferréz, por exemplo, seu pertencimento ao ambiente narrado parece legitimá-los ainda mais a explorar uma abordagem direta e atual da história dos marginalizados e excluídos, como Dirce, a voz feminina advinda da periferia e ainda silenciada.

A análise de alguns poemas nos remete a questões acerca dos limites entre centro e periferia. Segundo a pesquisadora Ivete Lara Camargos Walty, em seu livro **A Rua da literatura**, através da literatura pode-se fortalecer ou borrar os limites entre estes espaços:

Entende-se que a literatura não só acolhe o movimento da rua, como ela própria se faz rua em sua contradição entre o aplainamento e a diversidade, entre a pavimentação e a presença de buracos. Na construção desse espaço inscrevem-se as relações assimétricas de poder a fortalecer ou borrar os limites entre centro e periferia, seja nas marcas percebidas dentro do próprio país, seja naquelas vistas entre o país e seus modelos (WALTY, 2014, p.107).

No poema **Gente Miúda** é possível perceber uma busca por fortalecer este limite, conforme os seguintes versos:

Daniel
Não tinha documentos
Rg, certidão ou carteira profissional.
Não tinha sobrenome

Não tinha número
Nem cidade natal.
Quase um bicho, dormia na rua sobre as
notícias
E acordava na sarjeta, na calçada ou no
lixo.
Os dentes, em intervalos,
Mastigavam migalhas do mundo,
as sobras do planeta.
(...)
Morreu,
Velho e batido,
Depois de viver,
Todos os dias,
Durante trinta e sete anos,
Como se nunca tivesse existido.
(VAZ, 2013, p. 30)

Nota-se neste poema que Daniel pertence à margem, vivendo e morrendo como se nunca tivesse existido, estabelecendo-se aqui uma definição mais clara e poética aos conceitos de viver e existir, explorados de forma distintiva e dicotômica. Através do discurso desenvolvido nos versos, há claramente a importância da legitimação do centro para o ser humano fazer parte de uma sociedade.

Segundo pesquisas do estudioso Nobert Elias, são os estabelecidos que consolidam as normas específicas para pertencimento a um grupo. A identidade de um indivíduo se dá, conforme atesta o poema, a partir de documentos que burocratizam sua existência e que são inacessíveis para pessoas de baixa renda, por exemplo – uma vez que o acesso a eles é dificultado por uma série de passos burocráticos e custosos que acabam por excluir os moradores de rua. A total exclusão de Daniel torna-o comparável a um animal, atestando mais uma vez a animalização e o afastamento social já inclusive delatados por outros poetas modernistas, como Ferreira Gullar ou Manuel

Bandeira, por exemplo (em ambos os casos poetas estabelecidos, oriundos de um espaço de fala legitimado). Ainda, a respeito da animalização do homem, cabe destacar a afirmação de Norbert Elias a respeito do processo de segregação comum entre estabelecidos e outsiders:

o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social (...) (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 20).

De Daniel, excluído socialmente, relegado a nada e animalizado, no poema **Gente Miúda**, Sérgio Vaz alterna para uma outra forma de crítica, em que seu outro representante da sociedade periférica, inclui-se perfeitamente nos trâmites burocráticos e sociais:

Um dia,
O menino não tem
o que comer: é faminto.
Noutro, não tem
onde morar: é de rua.
Outro dia,
lhe falta família: é órfão.
Adiante,
trabalha numa usina
de carvão: é escravo.
Agora pouco,
com revólver na mão:
era príncipe;
pé na bola: rei.

Um dia inteiro
de uma vida
cabe dentro da eternidade
do menino.

Num dia,
nasce
vive
e morre,
Depois vira filme
nas mãos
de um outro menino
que o socorre.
(VAZ, 2013, p.32-33)

Em **Um dia para Jefferson**, encontra-se elementos para consolidar ou, apenas, classificar um indivíduo marginalizado no centro, os quais trazem à tona certos preconceitos e críticas, pois o menino à margem socialmente só é visto como príncipe, com o revólver na mão ou rei, com o pé na bola. Desta forma, os limites entre margem e centro são borrados. Apresenta-se no poema a possibilidade, talvez, de um outsider ser percebido socialmente, entretanto não se pode afirmar que seria uma forma de legitimação. Destaca-se que ao ser notado, a margem de alguma forma esbarra/incomoda o centro. O poema valida a voz de um menino outsider e as suas possibilidades perante aos estabelecidos.

O estudioso Roberto Corrêa dos Santos, no texto “A noção de margem em literatura e em filosofia”, afirma que

O centro é o que comanda a estrutura escapando a sua estruturalidade. Ele se encontra paradoxalmente na estrutura, dela fazendo parte como elemento único e organizador, e *fora*, escapando a seu princípio mesmo: a estruturalidade. O centro está sempre em lugar diferente do esperado (SANTOS apud Nascimento, 2002, p.190).

Portanto, com esta afirmação e observando o poema anteriormente exposto, vale questionar se é o centro mesmo que vai estereotipando o menino. O estudioso Nobeit Elias afirma que “o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com

isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (NOBERT & SCOTSON, 2000, p. 24).

Como afirma Michéle Petit “ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência” (PETIT, 2008, 38), é possível perceber a literatura de periferia assumindo este papel de tradução de uma realidade não apenas para quem não a vive, mas também para uma apropriação de uma realidade vivida por muitos brasileiros. Sérgio Vaz é um emissor das vozes presentes na periferia, além de promover um espaço de fala através do Sarau da Cooperifa.

Referências

DOMINGUES, Thereza da Conceição Aparecida. Reflexões sobre a poesia do oprimido. **Verbo de Minas: Letras** (Impresso), v. 9, p. 115-121, 2010.

DUQUE ESTRADA, Elizabeth Muylaert. Sobre a escrita de si e seus vínculos com a dimensão política: algumas questões (ainda) dispersas. **Ipotesi** (UFJF), Juiz de Fora, v. 8, número 1-2, p. 143-153, 2004.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARIA, Alexandre Graça; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Introdução: Modulações da margem. In: FARIA, Alexandre Graça; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do (orgs.). **Modos da Margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015. v. 1. P. 19-45.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Poesia e máquina: sob o signo de Mallarmé**. Verbo de Minas: Letras (Impresso), v. 9, p. 49-56, 2010.

NEIVA, L. S.; SACRAMENTO, S.. **Mulheres da periferia: feminismo e transgressão em *Guerreira*** de Alessando Buzo. **Ipotesi** (UFJF. Impresso), v. 15, p. 81-92, 2011.

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**, seguindo a tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed 34, 2008.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. v. 1.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. A noção de margem em literatura e em filosofia. In: NASCIMENTO, Evando. **Ângulos Literatura & Outras Artes** - Ensaaios (Impresso). Argos editora universitária e Editora UFJF, 2002.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VAZ, Sérgio. **Colecionador de pedras**. São Paulo: Global, 2013.

WALTY, Ivete Lara Camargos. **A rua da literatura e a literatura da rua**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. v. 1. 270p.

Recebido em 01/11/2016.

Aceito em 16/01/2017.